

DOMINGO, 17-7-1960

NÓS E O MUNDO

Maura de Senna Pereira

RIO CANCIONEIRO

Stella Leonardos, uma das mais belas, fecundas e laureadas escritoras brasileiras, ao mesmo tempo em que recebe o prêmio Julia Lopes de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, pelo seu romance inédito, "Mulher de Sal", anuncia para muito breve um novo livro de poesia: "Rio Cançãoeiro". Em verdade, fez mais do que anunciar: leu-o para numerosa assistência, em tarde recente e inesquecível do "P.E.N. Clube".

Com o encanto de sua voz, Stella Leonardos nos apresentou talvez o melhor dos seus cadernos de poemas, nos quais, musa carioca, passou emocionada pela história, pelo folclore, pelas tradições, pelas glórias, pela alma do povo e pela beleza eterna desta mui leal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Emocionada e comunicando integralmente sua emoção aos que amam a poesia e aos que amam a cidade. Outro ponto a ressaltar é ter sabido Stella evitar o lugar comum. Realmente, ela soube extrair de sua temática — aparentemente simples, mas indiscutivelmente difícil — aquilo que deveria ser cantado. E deu à nossa literatura o poema acabado e belo do Rio de Janeiro — que parece saltar de uma fonte — fixando a cidade gloriosa desde Gonçalo Coelho, desde Estácio de Sá, até o momento histórico em que deixou de ser a capital do Brasil.

Adelmar Tavares chamou, certa vez, Stella Leonardos de "grande flor". E Almeida Cousin, na festa do P.E.N. Clube, de "rosa de lux". Eu direi que, além do conjunto harmonioso de seus versos, há que mencionar sua voz bonita, seu porté de palmeira, a graça de sua presença e de sua simplicidade.

Foi, pois, uma grande tarde aquela em que tivemos o privilégio de ouvir, feita pela autora, a leitura de "Rio Cançãoeiro", ao qual pertence este puro e embalsamado "Acalanto da Mãe Mameluca".

Céu ternura azul-suquia,

DOMINGO, 17-7-1960

QUEM DIZ TER J LE FEU É LOUCO

Por JANJÃO

Distarçado em mendigo para que ninguém lhe dissesse "Me dá um dinheiro aí", Janjão Cisplandim (supra-assinado) foi assistir a estréia de "Rio-capital samba", novo show de Ari Barroso (desta vez sem broncas na famosa buate "Freds", do conhecido Comendador Frederico C. Melo).

Há duas coisas que se faz quando se assiste a um show: a) bebe-se uísque e se diz: "Está uma droga"; b) olha-se uma garota do show e pergunta-se ao garçon: "o telefone daquela ali, por favor". Janjão optou pela segunda hipótese porque o show de Ari Barroso (and Mario Meira Guimarães é ótimo) e porque no show há aquilo que os iconoclastas chamam de "Boa". O nome? Gina Le Feu!

Quando Gina Le Feu (ah, o fôgo, o fôgo de Gina) pisou o tablado, lia-se nos lábios das virimas um vislumbre de alegria. Aquel, sendo consideradas vítimas os assistentes com Janjão na mão. O que fez Janjão? Simples. Chamou o garçon: "Como é o nome daquela moço?" Garçon: "Aquele ali? Aquela ótima?" Janjão, chateando: "A melhor daquele bloco?" Garçon: "Ah, a melhor? Por

paisagem era azul. Rôsea, sim, rôsea era a paisagem onde dançava Gina Le Feu que, traduzindo-se poder-se-ia chamar de Gina o fôgo! Fôgo deveria ser Janjão e Gina chamar-se-ia de Gêlo, assim: Gina the Ice. Por que? Não é que a menina passava entre as mesas e não recrutava um alhoar para Janjão. Mas o garçon dera a certeza do convite. Restava esperar pela festa.